

## Entre a escola pública do campo e a inserção das TIC's no trabalho docente: desafios e possibilidades

### Resumo

O presente trabalho propõe reflexões sobre os dados de uma investigação científica realizada em uma escola pública do campo, situada no interior do estado do Rio Grande do Sul/ Brasil. Tal pesquisa teve por objetivo pesquisar quais as dificuldades e as possibilidades para o uso dos computadores conectados a internet no trabalho pedagógico. A metodologia escolhida foi o estudo de caso. Os dados foram coletados a partir de aplicação de questionários, realização de entrevista semi - estruturada e de cinco encontros realizados com quatorze professores participantes da pesquisa. Tal investigação partiu da seguinte problemática:- Por que o Laboratório Multimídia que está na escola não está sendo utilizado pelos professores? Os dados revelaram que 50% de quatorze professores, não utilizavam os computadores pela insegurança em utilizar tal ferramenta; Evidenciou que os professores não consideravam o Laboratório Multimídia uma prioridade para a escola. Revelou as fragilidades da aplicabilidade do ProInfo em outros estados brasileiros e que os alunos da escola pública do campo estão conectados as tecnologias de forma expressiva, o que aparentemente, surpreendeu os professores.

**Palavras-chave:** Escola. Formação. Tecnologias. Professores. Reflexão

**Daniela Pedra Mattos**  
UFPEL  
dani.mattos@yahoo.com.br

## 1 Introdução

É preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado e é por isso que a educação do futuro deve se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento. (MORIN, 2002, p.84)

Indo ao encontro das ideias do autor e vivenciando a imprevisibilidade e incerteza da realidade global e tecnológica encontra-se a escola pública. Nela espaços e sujeitos (alunos e professores) e, com eles a utilização das tecnologias. Uma sociedade interconexa, em que as informações são globais e instantâneas, frente a um espaço escolar, aparentemente desconexo do cenário tecnológico.

Nesse sentido, Kenski (2007, p.41) “as tecnologias estão em permanente mudança, à aprendizagem por toda a vida torna-se consequência natural do momento social e tecnológico em que vivemos.”.

Para a autora, o cenário tecnológico pressupõe constante mudança, sendo que a aprendizagem é um processo construído permanentemente. Neste processo, encontra-se o cenário escolar, que deve sinalizar e contribuir com o crescimento intelectual dos sujeitos, valorizando seus saberes individuais e coletivos na construção de oportunidades e, sobretudo, incentivando o desassossego intelectual. No entanto, mesmo diante das mudanças e transformações permanentes vividas na sociedade global, ainda no espaço escolar, possivelmente, estão presentes conhecimentos fragmentados.

Diante de tais fragilidades e possibilidades presentes no espaço da escola pública emergiram as indagações da pesquisadora, no sentido de investigar a utilização das tecnologias na escola pública do campo. Tendo em vista que a escola havia recebido um Laboratório Multimídia do ProInfo (Programa de Informatização) do governo federal e este, não estava sendo utilizado pelo coletivo dos professores em suas práticas pedagógicas. Por outro lado, percebia-se entre os alunos, uma expressividade na utilização das tecnologias, através de telefones celulares e notebooks, porém a utilização da internet na escola, com objetivo do conhecimento, não acontecia. Aparentemente, o que se visualiza era uma escola do campo desconectada do campo e das tecnologias. Dessa forma, tal trabalho apresenta-se da seguinte maneira:

Primeiramente, a descrição do problema que está justificado teoricamente, seguido dos objetivos da pesquisa e a metodologia que foi utilizada para o desenvolvimento de tal trabalho. Posteriormente, juntamente com os aportes teóricos se trás reflexões sobre as tecnologias e o processo de inserção destas na escola pública, além de uma breve retrospectiva sobre o esvaziamento rural e com ele, o caminho percorrido pela escola pública do campo. E, nas considerações finais, faz-se uma análise dos dados levantados e dos caminhos que estes sinalizam para a possível interconexão da utilização das tecnologias à escola pública do campo.

### 1.1 Problema e Metodologia da pesquisa

A unidade pesquisada se encontra localizada no interior do município de Piratini /RS- Brasil, distante 36 quilômetros da cidade. Uma escola de ensino fundamental completo (1º ano ao 9º ano), com um total de cento e vinte três alunos. Sendo assim, tal município foi contemplado com o ProInfo (Programa de Informatização) do Ministério da Educação- Governo Federal. Programa este que foi criado pelo Governo Federal brasileiro, através do MEC (Ministério da Educação) com o objetivo de enviar Laboratórios Multimídia a todas as escolas brasileiras. Primeiramente, receberam os Laboratórios de Informática as escolas do campo com mais de 150 alunos e, gradativamente, todas as escolas do município foram contempladas (campo e cidade). Através de tal programa, em 2009, a escola pesquisada recebeu o LM (Laboratório Multimídia), assim denominado pelo MEC. Tal laboratório foi composto por cinco computadores e uma impressora multifuncional, além do mobiliário (mesas, cadeiras e impressora). Neste mesmo ano (2009), o programa previa primeiramente oportunizar um treinamento para duas pessoas da Secretaria Municipal de Educação dos municípios contemplados com o programa na cidade de Porto Alegre/RS, para que estes pudessem capacitar outros dois professores de cada escola que haveria de receber o LM. A carga horária prevista para tal capacitação era de quarenta horas. Os professores, após essa capacitação, seriam os multiplicadores em suas escolas. O treinamento se realizou de maio a agosto de 2009 e o Laboratório Multimídia chegou à escola em outubro do

mesmo ano. Os professores representantes da escola deveriam ser escolhidos pelo diretor, sendo os critérios também designados por ele.

Na escola pesquisada, na época, foi informado aos professores sobre o treinamento e o interesse destes em participar. Como não houve interessados e o prazo para a realização do mesmo estava se esgotando, a diretora indicou duas professoras: uma, das séries iniciais e outra das séries finais do Ensino Fundamental. Após o treinamento recebido, elas deveriam ser as multiplicadoras na escola, ou seja, deveriam passar o treinamento recebido para os demais professores, em turno inverso, no caso, seria à noite - o que não se concretizou, devido ao fato de os professores não terem redução na carga horária nem receberem pelas horas extras trabalhadas. No entanto, os docentes não poderiam ir à noite à escola. Assim, tal treinamento não aconteceu. Com o passar do tempo, se percebeu que nem mesmo as professoras que receberam o treinamento, utilizaram os computadores presentes na escola. Contudo, além das fragilidades do ProInfo no que se refere à formação docente, à escola tinha dificuldades no que se refere a estrutura física, os espaços eram limitados, não havia uma sala exclusiva para o Laboratório Multimídia, o qual foi colocado junto à biblioteca. Sem ter local adequado para instalar o LM se estendiam a outros espaços da escola, os quais não atendiam as necessidades existentes. Entretanto, mesmo evidenciando tais fragilidades se percebeu que o ProInfo apresentava uma importante plataforma composta por três vertentes de ações, que tinham muito a contribuir com a proposta pedagógica da escola e, conseqüentemente, com a aprendizagem dos alunos: a) Implantação de ambientes tecnológicos equipados com computadores e recursos digitais nas escolas públicas de educação básica; b) Capacitação dos professores, gestores e outros agentes educacionais para a utilização pedagógica das tecnologias nas escolas e inclusão digital; c) Oferta de conteúdos educacionais multimídia e digitais, soluções e sistemas de informação disponibilizados pela SEED-MEC.

Contudo, Cysneiros (1999, p.15) diz que “apesar de ter havido avanços, algumas falhas desta política já podem ser notadas, como a ausência de articulação com os demais programas de tecnologia educativa do MEC (...).”

O autor considera relevante a proposta do Programa, porém, percebe que a mesma não se consolida na prática, o que foi evidenciado através da implementação do Programa na escola em estudo, onde, não tinha espaço-ambiente tecnológico equipado, com um maior número de computadores para atender aos alunos, sendo que, os professores da escola não receberam uma formação continuada qualificada para trabalhar com as tecnologias no desenvolvimento das suas práticas pedagógicas em sala de aula e os conteúdos (Planos de Estudo) não foram construídos para a realidade do Programa.

Nessa época (2009 e 2010), a escola não dispunha de internet. Assim o item (a) desta plataforma apresentou fragilidades ao ser implementado na escola pesquisada, pois além de não haver uma sala apropriada para colocar o LM, a instalação da internet esbarrava nos entraves burocráticos entre o município e o estado. No entanto, se pressupunha que a chegada dos computadores na escola fosse mobilizar os professores para a inserção das tecnologias no contexto pedagógico, pois estes questionavam a falta de acesso da escola do campo às tecnologias, limitando o processo de pesquisa e conexão com o conhecimento, porém, essa mobilização não aconteceu com a presença das ferramentas tecnológicas. Assim, é importante salientar que o item (b) da vertente do ProInfo não se concretizou na escola, já que os docentes não aceitaram realizar a capacitação em horário extra, sem remuneração.

De acordo com Cysneiros (1999, p.15) “o fato de treinar professores em cursos intensivos e de se colocar equipamentos nas escolas não significa que as novas tecnologias serão usadas para a melhoria da qualidade do ensino.”

Posição semelhante a esta, apresenta Almeida (2000, p.15) ao enfatizar que “a verdadeira função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas sim de criar condições de aprendizagem.” E assim, a pesquisadora foi percebendo e acompanhando as lacunas deixadas pelo programa, ressaltando também que o último item, (c), da plataforma não se concretizou na escola, ou seja, sem a capacitação dos professores e sem o planejamento de uma proposta de utilização, os computadores continuavam sem serem utilizados pelos docentes e alunos.

Referindo-se a formação docente Porto, (2010, p.7) explica que a

apropriação da tecnologia é fundamental, porém entendemos que ela não pode acontecer apenas relacionada à utilidade da ferramenta de trabalho, descontextualizada do espaço escolar, além, é lógico, de motivar reflexões sobre o modelo de escola que se deseja, com ou sem tecnologia, vencendo barreiras, muitas vezes maiores do que a incorporação da tecnologia.

As reflexões da autora sinalizam a necessidade de uma formação voltada para as tecnologias, no próprio contexto da escola, que promova a busca docente pela ampliação do conhecimento. Ainda no sentido da incorporação das tecnologias pelo professor, Penteadó (1998, p.14), assinala que

uma mudança dessa natureza requer do profissional conhecimento das novas formas de atuação compatíveis com o agir comunicacional (...) sendo que a decisão de mudança não é imediatamente seguida de correspondentes alterações comportamentais do docente, como frequentemente se espera isso porque toda a mudança de conduta implica em desinstalar modos de ser já arraigados e até automatizados e dos quais já tomamos consciência (...).

De acordo com as ideias das autoras, evidencia-se a complexidade do momento vivenciado na escola em relação à utilização das tecnologias. A realidade sinaliza necessidades para além de treinamentos dos professores, mas, sobretudo, para uma reflexão sobre a postura docente com (ou sem) as tecnologias.

Indo ao encontro dos desafios e contradições vivenciados no contexto da escola, principalmente no que se refere à utilização do LM emergiu o problema desta pesquisa: Por que o Laboratório Multimídia que está na escola não é utilizado pelos professores? A partir de tal questão o objetivo geral da pesquisa foi de investigar as dificuldades e possibilidades para o uso dos computadores no trabalho pedagógico dos docentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Armando Fajardo - Piratini /RS - Brasil e as implicações deste trabalho numa escola do campo. Sendo assim, os objetivos específicos desta pesquisa foram: Saber quais os desafios que os professores da escola detectavam em relação às tecnologias; Conhecer o que os professores entendiam sobre tecnologias; Levantar, junto aos docentes, possibilidades de integração das tecnologias à prática educativa do campo.

A pesquisadora buscou compreender e ouvir os professores da escola sobre seus anseios e fragilidades no que se refere à utilização das tecnologias, em especial às TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) e suas contribuições para o aprendizado, conectando-se à escola do campo e seus sujeitos.

Sendo assim, tal trabalho científico partiu de uma pesquisa qualitativa, analisando as conversações e as reflexões dos professores a respeito das tecnologias na escola do campo. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessíveis ao observador. (LÜDKE, ANDRE, 1986).

Indo ao encontro das ideias das autoras e considerando o contexto investigado, a pesquisadora foi ouvindo e analisando os diferentes pontos de vista dos professores em busca de dados que permitissem investigar o problema que sustentou este trabalho.

A pesquisadora se utilizou de observações e anotações registradas no Diário de Campo, as quais foram de grande valia para o desenvolvimento do trabalho, pois conforme Lüdke e André (1986, p.32), “(...) o observador irá procurar encontrar o mais breve possível uma ocasião em que possa completar suas notas, para que não precise confiar muito na memória, sabidamente falível”.

Concordando com as autoras e munindo-se de instrumentos que contribuíssem com a coleta de dados fidedignos, a pesquisadora utilizou questionários e entrevista semi-estruturada, realizando também cinco encontros na escola com os sujeitos pesquisados. A coleta dos dados começou em outubro de 2011 através de questionário e dos encontros com os professores. Ressalta-se que os docentes foram convidados a participarem de tal investigação científica, sendo que, dos vinte e um professores que compunham o quadro de docentes no ano de 2011, quatorze aceitaram o convite para participar de tal estudo. Ressalta-se que os sujeitos pesquisados foram nominados por letras no decorrer do trabalho.



## 2 A escola pública do campo e as TIC's

Para refletir sobre as tecnologias na escola pública do campo considera-se indispensável dialogar com a teoria ressaltando dois eixos importantes de tal trabalho: Tecnologias e Escola do Campo.

Nesse sentido, Cysneiros (2006) aborda seu entendimento sobre o que tecnologia, ressaltando que é um termo polissêmico, sobre o qual intuímos alguns significados, mas temos dificuldade em fazê-lo com precisão.

Para o autor é importante comentar que muitas pessoas associam o termo tecnologia aos computadores e aos aparelhos eletroeletrônicos, mas o autor entende que as tecnologias perpassam conceitos, pois fazem parte da rotina dos sujeitos sociais. Entretanto, os participantes da pesquisa definiram tecnologias, como sendo

- ferramentas que permitem a comunicação de forma global. ( Prof. G);
- ferramentas que nos permitem ir além da nossa realidade, além de serem muito importantes para o desenvolvimento local e global. (Prof. H);
- meios pelos quais podemos ampliar nossos conhecimentos. (Prof. D);
- aparelhos como (TV, rádio, computador, celular...) que oportunizam a comunicação com o mundo e o conhecimento de outras realidades. (Prof.F).

Fonte: Dados coletados através do instrumento de pesquisa (questionário).

Para os sujeitos pesquisados, as tecnologias são ferramentas que servem para o crescimento e desenvolvimento da sociedade como um todo, além de apontarem para a ampliação dos conhecimentos adquiridos.

Nesta perspectiva, Kenski (2007), expressa que as tecnologias são facilitadoras de interação e comunicação, sendo que o homem criou uma tecnologia especial - a tecnologia da comunicação - não entendida como máquina, mas como linguagem. Além disso, diz que as tecnologias não são inovações recentes, são

(...) tão antigas quanto à espécie humana (...) a engenhosidade humana em todos os tempos, que deu origem as mais diferenciadas tecnologias. O uso do raciocínio tem garantido ao homem um processo crescente de inovações. Os conhecimentos daí derivados, quando colocados em prática, dão origem a diferentes equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos, ferramentas (...), (KENSKI, 2007, p.15).



De acordo com a autora não se pode negar que as tecnologias se alteram, transformam-se e evoluem, uma vez que as já existentes, desde os primórdios da história vêm transformando a sociedade. Portanto, fazendo parte dessa história de evolução e transformação social a educação da escola do campo ou rural (assim nominada até meados dos anos 2000) vem caminhando a passos lentos, no que se refere a um processo de crescimento pedagógico/ tecnológico, pois, ao longo da história, não teve seu espaço e seus atores reconhecidos como sujeitos que fizeram e fazem história. O que sustenta através da teoria, pois conforme Leite (1999, p.14), a educação

rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional, aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade”. (anônimo).

Indo ao encontro das ideias de Leite os autores Arroyo, Caldart e Molina (2004) também acreditam que a escola do campo, foi tida como resíduo do sistema educacional brasileiro e, conseqüentemente, à população do campo foi negado o acesso aos avanços ocorridos nas duas últimas décadas como o reconhecimento e a garantia do direito à educação básica. As escolas rurais no Brasil foram construídas tardiamente, sem o apoio necessário por parte do Estado para que se desenvolvesse e contribuísse, através da educação, para que as famílias continuassem no campo e dele pudessem retirar o sustento e oferecer aos seus filhos uma educação de qualidade para que, esse campo, continuasse povoado e desenvolvido sócio - economicamente. Isso não aconteceu.

Diante dessa realidade vivida, as famílias do campo, passaram a migrar para os grandes centros urbanos em busca de trabalho para sua subsistência, tendo em vista a precariedade de condições para manter suas propriedades (altos impostos, falta de acesso à saúde e a educação...). E foi assim que, muitas propriedades, no final da década de 70, início dos anos 80 foram vendidas a grandes pecuaristas para (criação de gado de corte), para empresas de madeiras (plantio de árvores de acácia e pinus).

Emerge nessas décadas o “campo urbanizado”, quer dizer, quando as empresas se instalam no campo e buscam mão- de - obra, elas as buscam nos centros urbanos, porque

houve um esvaziamento do campo. Porém, as famílias que se instalaram nessas localidades já foram sufocadas pelo desemprego das grandes cidades e passaram a viver em uma realidade que desconheciam. Diante desse cenário, o governo tentou rever tal processo de esvaziamento rural e a partir do final da década de 90 outros olhares foram destinados para as famílias que viviam no campo (incentivo ao plantio através de financiamentos com juros baixos, construção de postos de saúde, maiores investimentos para manutenção de estradas, energia elétrica) e, conseqüentemente, maiores investimentos na escola do campo, de forma tardia talvez. Com estes, emergiu o ProInfo em meados de 1996, buscando inserir todas as escolas brasileiras o processo de interconexão global e, nestas, incluíram-se as escolas rurais / campo. No entanto, ao mesmo tempo em que estas escolas necessitavam estarem conectadas as tecnologias, careciam de fortes investimentos em suas estruturas, as quais foram construídas para outra realidade (muitas não havia água própria para consumo e nem tampouco energia elétrica). Contudo, mesmo o ProInfo apresentando objetivos relevantes, foi um processo vagaroso e apresentou muitas fragilidades até sua implementação, bem como, durante todo o processo.

De acordo com Castro (2011) as fragilidades do programa vão além do acesso ao aparato tecnológico, neste caso, os computadores. O governo falhou porque não planejou ou não ouviu as escolas e seus atores sobre a inserção das tecnologias nesse contexto; Não houve análise de suas realidades. A autora ressalta que

a inserção das TIC's nas escolas se dá dissociada das necessidades às quais elas efetivamente poderiam atender. Nessa perspectiva, os laboratórios de informática configuram um “corpo estranho” na escola, um elemento dissociado do cotidiano letivo e dos debates que mobilizam o campo da educação. (CASTRO, 2011, p.138).

A pesquisa de Castro vai ao encontro dos dados levantados na unidade em estudo, tendo em vista que à escola carecia de espaços e estruturas, as quais iam além da inserção das tecnologias, o que foi expresso pelos sujeitos participantes da pesquisa:

Não adianta mandar computadores para a escola e não ter espaço físico para colocá-los (...). A escola tem sido receptadora de tecnologia, mas não nos perguntaram se sabíamos lidar com elas e nem tampouco se tínhamos onde colocá-las. ( Prof. G)

Fonte: Diário de campo em 06/10/2011.

De acordo com estes dados, se percebe que há lacunas deixadas pela implementação do ProInfo o que, provavelmente, é vivenciado por um expressivo número de escolas do país.

A pesquisa realizada por Castro (2011), na PUC do Rio de Janeiro, com o objetivo de analisar os contextos de influência e de produção do texto da atual política nacional de tecnologia na educação, ressalta que as fragilidades do programa vão além do acesso ao aparato tecnológico, neste caso, os computadores. O governo falhou porque não planejou ou, não ouviu as escolas e seus atores sobre a inserção das tecnologias nesse contexto, portanto, não houve análise de suas realidades.

Neste sentido, indo ao encontro dos dados apresentados por Castro (2011) os sujeitos pesquisados elencaram outras prioridades para a escola, que não as tecnologias, neste caso, computadores conectados a internet. Para eles, quatorze sujeitos entrevistados, as prioridades para a escola naquele momento eram: 1º Salas de aulas mais ventiladas e espaçosas; 2º Transporte escolar mais confortável e de qualidade; 3º Construção de rampas e calçadas ao redor da escola; 4º Formação Continuada voltada para as tecnologias; 5º formação de professores voltada para as tecnologias e 6º, a construção de uma sala para o LM.

Estes dados indicaram que a escola carecia de inúmeros recursos, os quais iam desde investimentos nas estruturas físicas até as estruturas pedagógicas, como por exemplo, na formação docente. No entanto, pode-se perceber que ao implementar o ProInfo o governo não fez uma avaliação dessas estruturas o que, provavelmente, tenha fragilizado o sucesso do programa. Kenski (2007, p.75) diz que, para que se possam realizar transformações no ensino

é preciso que o professor saiba lidar criticamente com as tecnologias da informação e comunicação, usando-as pedagogicamente(...)assumindo uma posição de criticidade e dúvida diante das informações-novas e velhas exercendo o papel de orientação e cooperação com os alunos, ensinando-os a aprender e ... aprender, ensinando.

Para Gutiérrez e Prado (2002), Penteado (2006) e Porto (2006, 2010) não basta o professor somente usar a tecnologia, a inclusão digital de professores e alunos compreende uma forma de uso significativo e crítico dessas ferramentas. Para tanto,

possivelmente, a escola deverá internalizar a utilização das tecnologias, promovendo a reflexão coletiva dos sujeitos escolares, não somente nas questões estruturais, mas, sobretudo, no que se refere às questões pedagógicas, pois destas é que emergem as possibilidades de crescimento individual e coletivos dos sujeitos escolares.

### 3 Considerações finais

Sendo assim, se apresenta as reflexões sobre a relação entre os professores, os alunos e as tecnologias, categorias que emergiram da pesquisa, para em seguida, levantar as possibilidades e desafios daí decorrentes e, possivelmente, sinalizar caminhos que efetivem aos professores e alunos a interconexão entre o ensino, a aprendizagem e as tecnologias. Essas situações, provavelmente contribuirão para sinalizar possibilidades de transformação da realidade escolar, numa perspectiva de crescimento individual e coletivo dos sujeitos escolares.

Os dados revelam que dos quatorze professores entrevistados, treze têm computador em casa; nove têm acesso à internet e outros cinco acessam a internet na lan house. Também em relação ao uso do computador pelos professores: Cinco responderam que utilizavam o computador para realização do planejamento das aulas; seis revelaram que apenas digitavam provas e trabalhos e que o acesso à internet servia para outras finalidades, sem especificá-las e, três responderam que utilizavam o computador conectado à internet para estudos particulares. Também 100% dos sujeitos pesquisados responderam que acreditavam que as tecnologias poderiam contribuir com o trabalho pedagógico, conforme depoimentos a seguir:

Acredito que a utilização dos computadores conectados à internet pode colaborar para o desenvolvimento das minhas aulas. ( Prof.C)

Com certeza podem contribuir no desenvolvimento do meu trabalho docente, mas primeiro preciso aprender a utilizar essa tecnologia (...).(Prof. D).

Fonte: Instrumento de pesquisa (questionário).

Mesmo considerando a importância da contribuição das tecnologias no trabalho pedagógico, os professores demonstravam insegurança quando se referiam à sua utilização.

Para Porto (2010, p. 34), “as TIC’s na escola devem ser usadas para superar o senso comum pedagógico e para efetivar uma pedagogia condizente com as necessidades de um ensino contextualizado num tempo e espaço de ser, viver, interagir e criar.”

Ao responderem se utilizavam o LM com os alunos, 100% dos sujeitos disseram que não utilizavam o LM, sendo várias as justificativas para tal:

Não utilizo os computadores porque não aprendi ainda a trabalhar com os alunos no LM. (Prof. J)  
Não utilizei ainda porque acho complicado, cinco computadores, para 26 alunos. ( Prof. L)  
Na verdade não sei unir meu planejamento ao LM. ( Prof. M)  
Não utilizo porque não tem internet no LM. (Prof. F)  
Fonte: Instrumento de pesquisa (questionário).

Para Gutiérrez e Prado (2002), Penteado (2006) e Porto (2006, 2010) não basta o professor somente usar a tecnologia, a inclusão digital de professores e alunos compreende uma forma de uso significativo e crítico dessas ferramentas.

Neste sentido, Charlot (2008, p.21), ressalta que

os professores necessitam de uma reflexão fundamental sobre o uso do computador (e da internet), além de discussão coletiva sobre a escola, sobre a distribuição de alunos em turmas estandardizadas, sobre a rigidez do currículo e avaliação escolar, e sobre as estruturas de espaço e tempo das escolas que não combinam com o uso pedagógico do computador e da internet.

O autor propõe reflexões comprometidas a cerca do espaço da escola como um todo, promovendo indagações, na intenção que estas possam abrir os olhares para ressignificar práticas e ampliar conhecimentos. As dificuldades de os professores se abrirem para novas aprendizagens estão presentes nos depoimentos dos sujeitos que, em um primeiro momento, demonstraram certa resistência em utilizarem os computadores do Laboratório Multimídia com os alunos, o que se percebe em suas falas:

Na verdade, o uso das tecnologias, na escola, é um desafio a ser transposto primeiro por nós professores. Vejo que nossa classe ainda é muito conservadora. (Prof. I).  
Fonte: Diário de campo em 23/10/2011.

Nesse sentido, Lévy (2000a, p. 8 -9), diz que a escola

é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em um uso moderado da impressão. Uma [...] verdadeira integração da informática supõe, portanto o abandono de um hábito antropológico mais que milenar o que não pode ser feito em alguns anos.

Conforme o autor, a escola traz consigo conceitos seculares lineares, os quais se tornam obstáculos a serem transpostos, pois passamos de uma sociedade tradicional, extremamente regradada e previsível, a um tempo aparentemente de imprevisibilidade e incertezas constantes e, sobretudo, a um mundo extremamente rico de informação. Portanto, ficou evidente que os desafios detectados pelos professores da escola em relação a utilização das tecnologias na escola do campo, não estão atrelados somente a utilização dos computadores conectados a internet, mas a todo um contexto contraditório que permeia o espaço escolar e, conseqüentemente, o espaço pedagógico, entre eles: Espaço físico (salas de aulas maiores, mais arejadas e iluminadas, acessibilidade, entre outras); Transporte escolar em condições adequadas, pois a maior parte dos alunos viajava no mínimo das horas diariamente; Internet com maior capacidade; Formação de professores voltadas para a utilização das tecnologias no espaço da escola, pois 90% dos entrevistados revelaram sentirem-se inseguros em relação a utilização da internet no trabalho pedagógico com os alunos, o que se evidencia em suas falas:

Tudo é um desafio, a gente sempre acha que não vai conseguir que não tem condições de fazer diferente e melhor (...). Mas, é claro que agente faz melhor, é só não se acomodar (...). ( Prof. F).  
Fonte: Diário de campo em 27/10/2011.

Neste sentido Porto (2001, p.27) diz que “o desafio é de como sermos educadores, comunicadores de pessoas competentes e integradas.”

Também se evidenciou que os professores pesquisados tinham claro o entendimento sobre tecnologias, porém, não as utilizam no trabalho pedagógico com os alunos. Nesse sentido, os sujeitos pesquisados elencaram como principais dificuldades enfrentadas na utilização das tecnologias: não saber trabalharem com os alunos, utilizando o computador conectado a internet (50% de quatorze professores); Espaço

físico limitado para o LM e poucos computadores (40% dos professores); Não terem tempo disponível para planejamento das aulas (10% dos professores).

Diante dos dados apresentados, encontra-se respaldo para tal discussão em Moran (2008, p.23), pois o autor acredita que

um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades e compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda (...).

Indo ao encontro das ideias do autor e da análise dos dados, a pesquisadora percebeu que as fragilidades para o uso das tecnologias estavam atreladas a vestígios de um passado escolar engessado, previsível, que ainda hoje tem dificuldades para atuar e interagir num outro tipo de cenário: imprevisível, global, exigente, que não mais visa o trabalho individual e, sim, as aprendizagens coletivas que vão além de meros conhecimentos, pois instigam professores e alunos a criarem e descobrirem possibilidades de ação. No entanto, a pesquisa que tinha o objetivo investigar somente os professores de tal escola, ampliou-se. E um dos achados importantes deste estudo foi de os professores perceberem que não conheciam a realidade discente em relação à utilização das tecnologias e, assim decidiram realizar uma pesquisa com os alunos para conhecer quais as tecnologias que eles dispunham e o que mais utilizavam.

Os questionários (construídos pelos professores) foram aplicados a 98 alunos de um total de 112. Os dados revelaram que dos 98 alunos entrevistados, 92% deles responderam ter telefone celular destes, 80% utilizavam o celular para escutar músicas, 10% para se comunicar com seus pais e os outros 10% utilizavam para fotos e vídeos. Em relação ao uso do computador, dos 98 entrevistados, 38% afirmaram ter computador em casa. Sendo que 32% deles mais utilizavam para jogos e 8% para realizarem pesquisas. Porém, (82%) dos entrevistados disseram já ter acessado a internet em lan houses (local de mais acesso) e em casa de amigos.

Esses dados serviram para que os professores da escola conhecessem a realidade discente, o que, os surpreendeu pela expressividade de alunos de uma escola do campo que acessavam a internet, o que se evidenciou em suas falas:



Esse resultado serve para nos conscientizarmos de que nossos alunos estão conectados, de alguma forma com as tecnologias além de dominá-las melhor que nós. ( Prof.L ).

Fonte: Diário de campo em 10/11/2011.

Os comentários, em relação aos resultados da pesquisa, aparentemente, desassossegaram os sujeitos pesquisados, que reconheceram a fragilidade do momento vivenciado.

É interessante que em uma escola rural quase a totalidade dos alunos terem telefone celular, grande parte acessam a internet e dominaram gravações em áudio e vídeo (...) realmente precisamos nos atualizar (...) (Prof. G).

Fonte: Diário de campo em 10/11/2011.

A pesquisa revelou que a escola rural ainda trás consigo as marcas de um tempo que o campo era minimizado, pois o que acontecia na realidade urbana era diferente da realidade rural. Portanto, a questão que permeou tal trabalho de pesquisa não apresenta uma resposta linear, mas sinaliza que, em se tratando de educação, os processos estão interligados e que para o LM ser utilizado, necessariamente, há de se considerar o seu entorno, com suas contrariedades e potencialidades. No entanto, há de emergir uma consciência pedagógica reflexiva não somente dos professores e alunos, mas de todos os sujeitos envolvidos no processo (direção, alunos, professores, governos municipais, estaduais e federais) para que possa haver uma interconexão entre conhecimento/ espaços/ tecnologias de forma circundante.

De acordo com os dados apresentados se percebe que, tanto as tecnologias fazem parte do cotidiano do campo quanto da cidade, como as dificuldades e precariedades da escola pública e programas como o ProInfo ainda caminham na contramão do que se pode chamar de desenvolvimento na educação. E que este, provavelmente se efetivará, quando posturas forem desengessadas e investimentos forem pensados e projetados. Contudo, espera-se que os dados aqui apresentados e refletidos sirvam de sinalizador de possibilidades para uma reflexão comprometida com o processo de ensinar e aprender.

#### 4 Referências

ALMEIDA, M.E.B.de. **ProInfo: Informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 2000(a).v.1p.01-93.

ANDRÉ, Marli et al. **Estado da arte na formação de professores no Brasil**. Educação e Sociedade no ano XX, nº 68, 1999.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Imagens quebradas** Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL, MEC- ProInfo -Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br> – Acesso em 18 de outubro de 2010.

CALDART, Roseli S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: Educação do campo: **identidade e políticas públicas** – **Caderno 4**.Brasília: Articulação Nacional “ Por Uma Educação Do Campo” 2004.

CASTRO, Márcia Correa. **Enunciar democracia e realizar o mercado: políticas de tecnologia na educação até o ProInfo integrado (1973-2007)** -Dissertação (mestrado)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2011.

CHARLOT, Bernard. **O professor na sociedade contemporânea: um trabalho da contradição**. Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia. Vol. 17, (30), p. 17-32, jun./dez. 2008.

CYSNEIROS. Paulo Gisleno. **Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora?** P: 11-24. Vol12, nº 1, 1999.

\_\_\_\_\_. Paulo Gisleno. **Gestão de Tecnologias da Informação e Comunicação na Escola**. Recife, 2006.

FREIRE, Paulo; SHOR, I. **Medo e Ousadia. O cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distancia**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Tradução: Carlos Irineu da Costa. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000(a).

LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.de **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, J.M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas.** In: MORAN, J.M; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. Novas Tecnologias e mediação pedagógica. p.11-65.Campinas, SP: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_, J.M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 14ª Edição - Campinas: Papirus, 2008.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 5ª Ed. São Paulo: Brasília, DF: UNESCO, 2002.

NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PENTEADO, Heloísa. **Pedagogia da Comunicação, teorias e práticas.** São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_, Heloísa. **Pesquisa – ensino e formação de professores.** In: PIMENTA O, H; GARRIDO, E. (orgs). Pesquisa - ensino; a comunicação escolar na formação do professor. São Paulo: Paulinas, 2006.

PORTO, Tânia Maria Esperon. **Saberes e linguagens de Educação e Comunicação.** Ed: Universitária da UFPEL. Pelotas/RS.2001.

\_\_\_\_\_, Tânia Maria Esperon. **A escola Pública e a pedagogia da Comunicação: uma parceria com professores em serviço.** Relatório da pesquisa 1997-2001, CNPq. Pelotas: FAE/ UFPEL. 2002.

\_\_\_\_\_, Tânia Maria Esperon. (org.) **Redes em Construção: meios de comunicação e práticas educativas.** Araraquara: JM Editora, 2003.

\_\_\_\_\_, Tânia Maria Esperon. **As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis...** relações construídas- Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

\_\_\_\_\_, Tânia. Maria Esperon. **Inserções de tecnologias e meios de comunicação em escolas públicas do ensino fundamental: uma realidade em estudo.** Florianópolis, 2010.